



Projeto Livro Livre

Iba Mendes

"Quem me dera, agora, que as minhas palavras se escrevessem!
Quem me dera que se gravassem num livro!"

16 19:23

Literatura



Machado de Assis

Lição de Botânica



Iba Mendes Editor Digital
www.poeteiro.com

Lição de Botânica
Machado de Assis

Atualização ortográfica e projeto gráfico

Iba Mendes

Publicado originalmente em 1906.

Livro Digital nº 888 - 1ª Edição - São Paulo, 2017.

Teatro - Literatura Brasileira.

Joaquim Maria Machado de Assis

(1839 - 1908)



Iba Mendes Editor Digital

www.poeteiro.com

PROJETO LIVRO LIVRE



*Oh! Bendito o que semeia
Livros... livros à mão cheia...
E manda o povo pensar!
O livro caindo n'alma
É germe — que faz a palma,
É chuva — que faz o mar.*

Castro Alves

O **Projeto Livro Livre** é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, livre e gratuito, de obras literárias já em Domínio Público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital. Sendo assim, não objetivamos fins comerciais ou promoção política. Tal qual o saudoso Nelson Jahr Garcia, pioneiro na divulgação do Livro Digital no idioma português, sempre estudei por conta do Estado, ou melhor, da Sociedade que paga impostos. Por isso, sinto-me também na obrigação de "*retribuir ao menos uma gota do que ela me proporcionou*". Daí o nosso esforço que se resume na simplicidade e na solidariedade.

Segundo normas e recomendações internacionais estabelecidas pela maioria dos países, incluindo Brasil e Portugal, uma obra literária entra em Domínio Público 70 anos após a morte do seu criador intelectual.

O nosso Projeto, que tem por objetivo colaborar na divulgação da Literatura em Língua Portuguesa, em suas variadas modalidades, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por imprecisa razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza de nos informar no e-mail: iba@ibamendes.com, a fim de que seja imediatamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso dos bens culturais. Assim esperamos!

O Livro Digital é – certamente – uma das maiores revoluções no âmbito editorial em todos os tempos. Hoje qualquer pessoa pode editar sua própria obra e disponibilizá-la livremente na Internet, sem aquela imperiosa necessidade das editoras comerciais. Graças às novas tecnologias, o livro impresso em papel pode ser digitalizado e compartilhado nos mais variados formatos digitais, tais como: PDF, TXT, RTF, EPUB, entre muitos outros. Contudo, trata-se de um processo lento e exaustivo, principalmente na esfera da realização pessoal, implicando ainda em falhas decorrentes da própria atividade de digitalização. Por exemplo, erros e distorções na parte ortográfica da obra, o que pode tornar ininteligíveis palavras e até frases inteiras. Embora todos os livros do **Projeto Livro Livre** sejam criteriosamente revisados, ainda assim é possível que algumas dessas falhas passem despercebidas. Desta forma, se o distinto leitor puder contribuir para o esclarecimento de eventuais incorreções, pedimos gentilmente que entre em contato conosco, a fim de efetuarmos as devidas correções.

Ressaltamos, por fim, que o **Projeto Livro Livre** não se limita a simples publicação de textos já disponíveis na Internet, sem quaisquer critérios. Em vez disso, pautamos nosso trabalho no esmero gráfico e ortográfico, na digitalização e atualização de novas obras, na publicação de autores do nosso tempo, na conversão de livros em áudio etc. Buscamos assim popularizar o Livro Digital, tornando-o acessível a qualquer pessoa e sem nenhum custo.

É isso!

Iba Mendes

LIÇÃO DE BOTÂNICA



PERSONAGENS:

D. HELENA

D. LEONOR

D. CECÍLIA

BARÃO

SEGISMUNDO DE KERNOBERG

Lugar da cena: Andaraí

ATO ÚNICO

Sala em casa de D. Leonor. Portas ao fundo, uma à direita do espectador.

CENA I

D. Leonor, D. Helena, D. Cecília.

(D. Leonor entra, lendo uma carta, D. Helena e D. Cecília entram no fundo)

D. HELENA

Já de volta!

D. CECÍLIA *(a D. Helena, depois de um silêncio)*

Será alguma carta de namoro?

D. HELENA *(baixo)*

Criança!

D. LEONOR

Não me explicarão isto?

D. HELENA

Que é?

D. LEONOR

Recebi ao descer do carro este bilhete: "Minha senhora. Permita que o mais respeitoso vizinho lhe peça dez minutos de atenção. Vai nisto um grande interesse da ciência". Que tenho eu com a ciência?

D. HELENA

Mas de quem é a carta?

D. LEONOR

Do Barão Sigismundo de Kernoberg.

D. CECÍLIA

Ah! o tio de Henrique!

D. LEONOR

De Henrique! Que familiaridade é essa?

D. CECÍLIA

Titia, eu...

D. LEONOR

Eu quê?... Henrique!

D. HELENA

Foi uma maneira de falar na ausência. Com que então o Sr. Barão Sigismundo de Kernoberg pede-lhe dez minutos de atenção, em nome e por amor da ciência. Da parte de um botânico é por força alguma égloga.

D. LEONOR

Seja o que for, não sei se deva receber um senhor a quem nunca vimos. Já o viram alguma vez?

D. CECÍLIA

Eu nunca.

D. HELENA

Nem eu.

D. LEONOR

Botânico e sueco: duas razões para ser gravemente aborrecido.
Nada, não estou em casa.

D. CECÍLIA

Mas, quem sabe, titia, se ele quer pedir-lhe... sim... um exame no
nosso jardim?

D. LEONOR

Há por todo esse Andaraí muito jardim para examinar.

D. HELENA

Não, senhora, há de recebê-lo.

D. LEONOR

Por quê?

D. HELENA

Porque é nosso vizinho, porque tem necessidade de falar-lhe, e,
enfim, porque, a julgar pelo sobrinho, deve ser um homem distinto.

D. LEONOR

Não me lembrava do sobrinho. Vá lá; aturemos o botânico. (*Sai pela
porta do fundo, à esquerda*)

CENA II

D. Helena, D. Cecília.

D. HELENA

Não me agradece?

D. CECÍLIA

O quê?

D. HELENA

Sonsa! Pois não adivinhas o que vem cá fazer o Barão?

D. CECÍLIA

Não.

D. HELENA

Vem pedir a tua mão para o sobrinho.

D. CECÍLIA

Helena!

D. HELENA (*imitando-a*)

Helena!

D. CECÍLIA

Juro...

D. HELENA

Que o não amas.

D. CECÍLIA

Não é isso.

D. HELENA

Que o amas?

D. CECÍLIA

Também não.

D. HELENA

Mau! Alguma coisa há de ser. *Il faut qu'une porte soit ouverte ou fermée.* Porta neste caso é coração. O teu coração há de estar fechado ou aberto...

D. CECÍLIA
Perdi a chave.

D. HELENA (*rindo*)
E não o podes fechar outra vez. São assim todos os corações ao pé de todos os Henriques. O teu Henrique viu a porta aberta, e tomou posse do lugar. Não escolheste mal, não; é um bonito rapaz.

D. CECÍLIA
Oh! uns olhos!

D. HELENA
Azuis.

D. CECÍLIA
Como o céu.

D. HELENA
Louro...

D. CECÍLIA
Elegante...

D. HELENA
Espirituoso...

D. CECÍLIA
E bom...

D. HELENA
Uma pérola... (*Suspira*) Ah!

D. CECÍLIA
Suspiras?

D. HELENA

Que há de fazer uma viúva falando... de uma pérola?

D. CECÍLIA

Oh! tens naturalmente em vista algum diamante de primeira grandeza.

D. HELENA

Não tenho, não; meu coração já não quer joias.

D. CECÍLIA

Mas as joias querem o teu coração.

D. HELENA

Tanto pior para elas: hão de ficar em casa do joalheiro.

D. CECÍLIA

Veremos isso. (*Sobe*) Ah!

D. HELENA

Que é?

D. CECÍLIA (*olhando para a direita*)

Um homem desconhecido que lá vem; há de ser o Barão.

D. HELENA

Vou avisar titia. (*Sai pelo fundo, à esquerda*)

CENA III

D. Cecília, Barão.

D. CECÍLIA

Será deveras ele? Estou trêmula... Henrique não me avisou de nada... Virá pedir-me?... Mas, não, não, não pode ser... Tão moço?... (*O Barão aparece*)

BARÃO (*à porta, depois de profunda cortesia*)

Creio que a excelentíssima senhora D. Leonor Gouvêa recebeu uma carta... Vim sem esperar a resposta.

D. CECÍLIA

É o Sr. Barão Sigismundo de Kernoberg? (*O Barão faz um gesto afirmativo*) Recebeu. Queira entrar e sentar-se. (*À parte*) Devo estar vermelha...

BARÃO (*à parte, olhando para Cecília*)

Há de ser esta.

D. CECÍLIA (*à parte*)

E titia não vem... Que demora!... Não sei que lhe diga... estou tão vexada... (*O Barão tira um livro da algibeira e folheia-o*) Se eu pudesse deixá-lo... É o que vou fazer. (*Sobe*)

BARÃO (*fechando o livro e erguendo-se*)

Vossa excelência há de desculpar-me. Recebi hoje mesmo este livro da Europa; é obra que vai fazer revolução na ciência; nada menos que uma monografia das gramíneas, premiadas pela Academia de Estocolmo.

D. CECÍLIA

Sim? (*À parte*) Aturemo-lo, pode vir a ser meu tio.

BARÃO

As gramíneas têm ou não têm perianto? A princípio adotou-se a negativa, posteriormente... Vossa excelência talvez não conheça é o que é o perianto...

D. CECÍLIA

Não, senhor.

BARÃO

Perianto compõe-se de duas palavras gregas: *peri*, em volta, e *anthos*, flor.

D. CECÍLIA

O invólucro da flor.

BARÃO

Acertou. É o que vulgarmente se chama *cálix*. Pois as gramíneas eram tidas... (*Aparece D. Leonor ao fundo*) Ah!

CENA IV

Os mesmos, D. Leonor.

D. LEONOR

Desejava falar-me?

BARÃO

Se me dá essa honra. Vim sem esperar resposta à minha carta. Dez minutos apenas.

D. LEONOR

Estou às suas ordens.

D. CECÍLIA

Com licença. (*À parte, olhando para o céu*) Ah! minha Nossa Senhora! (*Retira-se pelo fundo*)

CENA V

D. Leonor, Barão.

(D. Leonor senta-se, fazendo um gesto ao Barão, que a imita)

BARÃO

Sou o Barão Sigismundo de Kernoberg, seu vizinho, botânico de vocação, profissão e tradição, membro da Academia de Estocolmo e comissionado pelo governo da Suécia para estudar a flora da América do Sul. Vossa excelência dispensa a minha biografia? (*D. Leonor faz um gesto afirmativo*) Direi somente que o tio de meu tio foi

botânico, meu tio botânico, eu botânico, e meu sobrinho há de ser botânico. Todos somos botânicos de tios a sobrinhos. Isto de algum modo explica minha vinda a esta casa.

D. LEONOR

Oh! o meu jardim é composto de plantas vulgares.

BARÃO (*gracioso*)

É porque as melhores flores da casa estão dentro de casa. Mas vossa excelência engana-se; não venho pedir nada do seu jardim.

D. LEONOR

Ah!

BARÃO

Venho pedir-lhe uma coisa que lhe há de parecer singular.

D. LEONOR

Fale.

BARÃO

O padre desposa a igreja; eu desposei a ciência. Saber é o meu estado conjugal; os livros são a minha família. Numa palavra, fiz voto de celibato.

D. LEONOR

Não se case.

BARÃO

Justamente. Mas, vossa excelência compreende que, sendo para mim ponto de fé que a ciência não se dá bem com o matrimônio, nem eu devo casar, nem... Vossa excelência já percebeu.

D. LEONOR

Coisa nenhuma.

BARÃO

Meu sobrinho Henrique anda estudando comigo os elementos da botânica. Tem talento, há de vir a ser um luminar da ciência. Se o casamos, está perdido.

D. LEONOR

Mas...

BARÃO (*à parte*)

Não entendeu. (*Alto*) Sou obrigado a ser mais franco. Henrique anda apaixonado por uma de suas sobrinhas, creio que esta que saiu daqui, há pouco. Impus-lhe que não voltasse a esta casa; ele resistiu-me. Só me resta um meio: é que vossa excelência lhe feche a porta.

D. LEONOR

Senhor Barão!

BARÃO

Admira-se do pedido? Creio que não é polido nem conveniente. Mas é necessário, minha senhora, é indispensável. A ciência precisa de mais um obreiro: não o encadeemos no matrimônio.

D. LEONOR

Não sei se devo sorrir do pedido...

BARÃO

Deve sorrir, sorrir e fechar-nos a porta. Terá os meus agradecimentos e as bênçãos da posteridade.

D. LEONOR

Não é preciso tanto; posso fechá-la de graça.

BARÃO

Justo. O verdadeiro benefício é gratuito.

D. LEONOR

Antes, porém, de nos despedirmos, desejava dizer uma coisa e perguntar outra. (*O Barão curva-se*) Direi primeiramente que ignoro

se há tal paixão da parte de seu sobrinho; em segundo lugar, perguntarei se na Suécia estes pedidos são usuais.

BARÃO

Na geografia intelectual não há Suécia nem Brasil; os países são outros: astronomia, geologia, matemáticas; na botânica são obrigatórios.

D. LEONOR

Todavia, à força de andar com flores... deviam os botânicos trazê-las consigo.

BARÃO

Ficam no gabinete.

D. LEONOR

Trazem os espinhos somente.

BARÃO

Vossa excelência tem espírito. Compreendo a afeição de Henrique a esta casa. (*Levanta-se*) Promete-me então...

D. LEONOR (*levantando-se*)

Que faria no meu caso?

BARÃO

Recusava.

D. LEONOR

Com prejuízo da ciência?

BARÃO

Não, porque nesse caso a ciência mudaria de acampamento, isto é, o vizinho prejudicado escolheria outro bairro para seus estudos.

D. LEONOR

Não lhe parece que era melhor ter feito isso mesmo, antes de arriscar um pedido ineficaz?

BARÃO

Quis primeiro tentar fortuna.

CENA VI

D. Leonor, Barão, D. Helena.

D. HELENA (*entra e para*)

Ah!

D. LEONOR

Entra, não é assunto reservado. O Sr. Barão de Kernoberg... (*Ao Barão*) É minha sobrinha Helena. (*À Helena*) Aqui o Sr. Barão vem pedir que o não perturbemos no estudo da botânica. Diz que o seu sobrinho Henrique está destinado a um lugar honroso na ciência, e... conclua, Sr. Barão.

BARÃO

Não convém que se case, a ciência exige o celibato.

D. LEONOR

Ouviste?

D. HELENA

Não compreendo...

BARÃO

Uma paixão louca de meu sobrinho pode impedir que... Minhas senhoras, não desejo roubar-lhes mais tempo... Confio em vossa excelência, minha senhora... Ser-lhe-ei eternamente grato. Minhas senhoras. (*Faz uma grande cortesia e sai*)

CENA VII

D. Helena, D. Leonor.

D. LEONOR (*rindo*)

Que urso!

D. HELENA

Realmente...

D. LEONOR

Perdoo-lhe em nome da ciência. Fique com as suas ervas, e não nos aborreça mais, nem ele nem o sobrinho.

D. HELENA

Nem o sobrinho?

D. LEONOR

Nem o sobrinho, nem o criado, nem o cão, se o houver, nem coisa nenhuma que tenha relação com a ciência. Enfada-te? Pelo que vejo, entre o Henrique e a Cecília há tal ou qual namoro?

D. HELENA

Se promete segredo... há.

D. LEONOR

Pois acabe-se o namoro.

D. HELENA

Não é fácil. O Henrique é um perfeito cavalheiro; ambos são dignos um do outro. Por que razão impediremos que dois corações...

D. LEONOR

Não sei de corações, não hão de faltar casamentos a Cecília.

D. HELENA

Certamente que não, mas os casamentos não se improvisam nem se projetam na cabeça; são atos do coração, que a igreja santifica. Tentemos uma coisa.

D. LEONOR

Que é?

D. HELENA

Reconciliemo-nos com o Barão.

D. LEONOR

Nada, nada.

D. HELENA

Pobre Cecília!

D. LEONOR

É ter paciência, sujeite-se às circunstâncias... *(A D. Cecília, que entra)*
Ouviste?

D. CECÍLIA

O que, titia?

D. LEONOR

Helena te explicará tudo. *(A D. Helena, baixo)* Tira-lhe todas as esperanças. *(Indo-se)* Que urso! que urso!

CENA VIII

D. Helena, D. Cecília.

D. CECÍLIA

Que aconteceu?

D. HELENA

Aconteceu... *(Olha com tristeza para ela)*

D. CECÍLIA

Acaba.

D. HELENA
Pobre Cecília!

D. CECÍLIA
Titia recusou a minha mão?

D. HELENA
Qual! O Barão é que se opõe ao casamento.

D. CECÍLIA
Opõe-se!

D. HELENA
Diz que a ciência exige o celibato do sobrinho. (*D. Cecília encosta-se a uma cadeira*) Mas, sossega; nem tudo está perdido; pode ser que o tempo...

D. CECÍLIA
Mas quem impede que ele estude?

D. HELENA
Mania de sábio. Ou então, evasiva do sobrinho.

D. CECÍLIA Oh! não! é impossível; Henrique é uma alma angélica! Respondo por ele. Há de certamente opor-se a semelhante exigência...

D. HELENA
Não convém precipitar as coisas. O Barão pode zangar-se e ir-se embora.

D. CECÍLIA
Que devo então fazer?

D. HELENA
Esperar. Há tempo para tudo.

D. CECÍLIA

Pois bem, quando Henrique vier...

D. HELENA

Não vem, titia resolveu fechar a porta a ambos.

D. CECÍLIA

Impossível!

D. HELENA

Pura verdade. Foi uma exigência do Barão.

D. CECÍLIA

Ah! conspiram todos contra mim. (*Põe as mãos na cabeça*) Sou muito infeliz! Que mal fiz eu a essa gente? Helena, salva-me! Ou eu mato-me! Anda, vê se descobres um meio...

D. HELENA (*indo sentar-se*)

Que meio?

D. CECÍLIA (*acompanhando-a*)

Um meio qualquer que não nos separe!

D. HELENA

Há um.

D. CECÍLIA

Qual? Dize.

D. HELENA

Casar.

D. CECÍLIA

Oh! não zombes de mim! Tu também amaste, Helena; debes respeitar estas angústias. Não tornar a ver o meu Henrique é uma ideia intolerável. Anda, minha irmãzinha. (*Ajoelha-se inclinando o*

corpo sobre o regaço de D. Helena) Salva-me! És tão inteligente, que hás de achar por força alguma ideia; anda, pensa!

D. HELENA (*beijando-lhe a testa*)
Criança! supões que seja tão fácil assim?

D. CECÍLIA
Para ti há de ser fácil.

D. HELENA
Lisonjeira! (*Pega maquinalmente no livro deixado pelo Barão sobre a cadeira*) A boa vontade não pode tudo; é preciso... (*Tem aberto o livro*) Que livro é este?... Ah! talvez do Barão.

D. CECÍLIA
Mas vamos... continua.

D. HELENA
Isto há de ser sueco... trata talvez de botânica. Sabes sueco?

D. CECÍLIA
Helena!

D. HELENA
Quem sabe se este livro pode salvar tudo? (*Depois de um instante de reflexão*) Sim, é possível. Tratará de botânica?

D. CECÍLIA
Trata.

D. HELENA
Quem te disse?

D. CECÍLIA
Ouvi dizer ao Barão, trata das...

D. HELENA

Das...

D. CECÍLIA

Das gramíneas?

D. HELENA

Só das gramíneas?

D. CECÍLIA

Não sei; foi premiado pela Academia de Estocolmo.

D. HELENA

De Estocolmo. Bem. (*Levanta-se*)

D. CECÍLIA (*levantando-se*)

Mas que é?

D. HELENA

Vou mandar-lhe o livro...

D. CECÍLIA

Que mais?

D. HELENA

Com um bilhete.

D. CECÍLIA (*olhando para a direita*)

Não é preciso; lá vem ele.

D. HELENA

Ah!

D. CECÍLIA

Que vais fazer?

D. HELENA

Dar-lhe o livro.

D. CECÍLIA

O livro, e...

D. HELENA

E as despedidas.

D. CECÍLIA

Não compreendo.

D. HELENA

Espera e verás.

D. CECÍLIA

Não posso encara-lo; adeus.

D. HELENA

Cecília! (*D. Cecília sai*)

CENA IX

D. Helena, Barão.

BARÃO (*à porta*)

Perdão, minha senhora; eu trazia um livro há pouco...

D. HELENA (*com o livro na mão*)

Será este?

BARÃO (*caminhando para ela*)

Justamente.

D. HELENA

Escrito em sueco, penso eu...

BARÃO

Em sueco.

D. HELENA

Trata naturalmente de botânica.

BARÃO

Das gramíneas.

D. HELENA (*com interesse*)

Das gramíneas!

BARÃO

De que se espanta?

D. HELENA

Um livro publicado...

BARÃO

Há quatro meses.

D. HELENA

Premiado pela Academia de Estocolmo?

BARÃO (*admirado*)

É verdade. Mas...

D. HELENA

Que pena que eu não saiba sueco!

BARÃO

Tinha notícia do livro?

D. HELENA

Certamente. Ando ansiosa por lê-lo.

BARÃO

Perdão, minha senhora. Sabe botânica?

D. HELENA

Não ousou dizer que sim, estudo alguma coisa; leio quando posso. É ciência profunda e encantadora.

BARÃO (*com calor*)

É a primeira de todas.

D. HELENA

Não me atrevo a apoiá-lo, porque nada sei das outras, e poucas luzes tenho de botânica, apenas as que pode dar um estudo solitário e deficiente. Se a vontade suprisse o talento...

BARÃO

Por que não? *Le génie, c'est la patience*, dizia Buffon.

D. HELENA (*sentando-se*)

Nem sempre.

BARÃO

Realmente, estava longe de supor, que, tão perto de mim, uma pessoa tão distinta dava algumas horas vagas ao estudo da minha bela ciência.

D. HELENA

Da sua esposa.

BARÃO (*sentando*)

É verdade. Um marido pode perder a mulher, e se a amar deveras, nada a compensará neste mundo, ao passo que a ciência não morre... Morremos nós, ela sobrevive com todas as graças do primeiro dia, ou ainda maiores, porque cada descoberta é um encanto novo.

D. HELENA

Oh! tem razão!

BARÃO

Mas, diga-me vossa excelência: tem feito estudo especial das gramíneas?

D. HELENA

Por alto... por alto...

BARÃO

Contudo, sabe que a opinião dos sábios não admitia o perianto... (*D. Helena faz sinal afirmativo*) Posteriormente reconheceu-se a existência do perianto. (*Novo gesto de D. Helena*) Pois este livro refuta a segunda opinião.

D. HELENA

Refuta o perianto?

BARÃO

Completamente.

D. HELENA

Acho temeridade.

BARÃO

Também eu supunha isso... Li-o, porém, e a demonstração é claríssima. Tenho pena que não possa lê-lo. Se me dá licença, farei uma tradução portuguesa e daqui a duas semanas...

D. HELENA

Não sei se deva aceitar...

BARÃO

Aceite; é o primeiro passo para me não recusar segundo pedido.

D. HELENA

Qual?

BARÃO

Que me deixe acompanhá-la em seus estudos, repartir o pão do saber com vossa excelência. É a primeira vez que a fortuna me depara uma discípula. Discípula é, talvez, ousadia da minha parte...

D. HELENA

Ousadia, não; eu sei muito pouco; posso dizer que não sei nada.

BARÃO

A modéstia é o aroma do talento, como o talento é o esplendor da graça. Vossa excelência possui tudo isso. Posso compará-la à violeta, — *Viola odorata* de Lineu, — que é formosa e recatada...

D. HELENA (*interrompendo*)

Pedirei licença à minha tia. Quando será a primeira lição?

BARÃO

Quando quiser. Pode ser amanhã. Tem certamente notícia da anatomia vegetal.

D. HELENA

Notícia incompleta.

BARÃO

Da fisiologia?

D. HELENA

Um pouco menos.

BARÃO

Nesse caso, nem a taxonomia, nem a fitografia...

D. HELENA

Não fui até lá.

BARÃO

Mas há de ir... Verá que mundos novos se lhe abrem diante do espírito. Estudaremos, uma por uma, todas as famílias, as orquídeas,

as jasmíneas, as rubiáceas, as oleáceas, as narcíseas, as umbelíferas,
as...

D. HELENA

Tudo, desde que se trata de flores.

BARÃO

Compreendo: amor de família.

D. HELENA

Bravo! um cumprimento!

BARÃO (*folheando o livro*)

A ciência os permite.

D. HELENA (*à parte*)

O mestre é perigoso. (*Alto*) Tinham-me dito exatamente o contrário;
disseram-me que o Sr. Barão era... não sei como diga... era...

BARÃO

Talvez um urso.

D. HELENA

Pouco mais ou menos.

BARÃO

E sou.

D. HELENA

Não creio.

BARÃO

Por que não crê?

D. HELENA

Porque o vejo amável.

BARÃO

Suportável apenas.

D. HELENA

Demais, imaginava-o uma figura muito diferente, um velho macilento, melenas caídas, olhos encovados.

BARÃO

Estou velho, minha senhora.

D. HELENA

Trinta e seis anos.

BARÃO

Trinta e nove.

D. HELENA

Plena mocidade.

BARÃO

Velho para o mundo. Que posso eu dar ao mundo senão a minha prosa científica?

D. HELENA

Só uma coisa lhe acho inaceitável.

BARÃO

Que é?

D. HELENA

A teoria de que o amor e a ciência são incompatíveis.

BARÃO

Oh! isso...

D. HELENA

Dá-se o espírito à ciência e o coração ao amor. São territórios diferentes, ainda que limítrofes.

BARÃO

Um acaba por anexar o outro.

D. HELENA

Não creio.

BARÃO

O casamento é uma bela coisa, mas o que faz bem a uns, pode fazer mal a outros. Sabe que Mafoma não permite o uso do vinho aos seus sectários. Que fazem os turcos? Extraem o suco de uma planta, da família das papaveráceas, bebem-no, e ficam alegres. Esse licor, se nós o bebêssemos, matar-nos-ia. O casamento, para nós, é o vinho turco.

D. HELENA (*erguendo os ombros*)

Comparação não é argumento. Demais, houve e há sábios casados.

BARÃO

Que seriam mais sábios se não fossem casados.

D. HELENA

Não fale assim. A esposa fortifica a alma do sábio. Deve ser um quadro delicioso para o homem que despense as suas horas na investigação da natureza, fazê-lo ao lado da mulher que o ampara e anima, testemunha de seus esforços, sócia de suas alegrias, atenta, dedicada, amorosa. Será vaidade de sexo? Pode ser, mas eu creio que o melhor prêmio do mérito é o sorriso da mulher amada. O aplauso público é mais ruidoso, mas muito menos tocante que a aprovação doméstica.

BARÃO (*depois de um instante de hesitação e luta*)

Falemos da nossa lição.

D. HELENA

Amanhã, se minha tia consentir. (*Levanta-se*) Até amanhã, não?

BARÃO

Hoje mesmo, se o ordenar.

D. HELENA

Acredita que não perderei o tempo?

BARÃO

Estou certo que não.

D. HELENA

Serei acadêmica de Estocolmo?

BARÃO

Conto que terei essa honra.

D. HELENA (*cortejando*)

Até amanhã.

BARÃO (*o mesmo*)

Minha senhora!

(*D. Helena sai pelo fundo, esquerda, o Barão caminha para a direita, mas volta para buscar o livro que ficara sobre a cadeira ou sofá*)

CENA X

Barão, D. Leonor.

BARÃO (*pensativo*)

Até amanhã! Devo eu cá voltar? Talvez não devesse, mas é interesse da ciência... a minha palavra empenhada... O pior de tudo é que a discípula é graciosa e bonita. Nunca tive discípula, ignoro até que ponto é perigoso... Ignoro? Talvez não... (*Põe a mão no peito*) Que é isto?... (*Resoluto*) Não, sicambro! Não há de adorar o que queimaste! Eia, volvamos às flores e deixemos esta casa para sempre.

(*Entra D. Leonor*)

D. LEONOR (*vendo o Barão*)

Ah!

BARÃO

Voltei há dois minutos; vim buscar este livro. (*Cumprimentando*)
Minha senhora!

D. LEONOR

Senhor Barão!

BARÃO (*vai até à porta e volta*)

Creio que vossa excelência não me fica querendo mal?

D. LEONOR

Certamente que não.

BARÃO (*cumprimentando*)

Minha senhora!

D. LEONOR (*idem*)

Senhor Barão!

BARÃO (*vai até à porta e volta*)

A senhora D. Helena não lhe falou agora?

D. LEONOR

Sobre quê?

BARÃO

Sobre umas lições de botânica...

D. LEONOR

Não me falou em nada...

BARÃO (*cumprimentando*)

Minha senhora!

D. LEONOR (*idem*)

Senhor Barão! (*Barão sai*) Que esquisitão! Valia a pena cultivá-lo de perto.

BARÃO (*reaparecendo*)

Perdão...

D. LEONOR

Ah! Que manda?

BARÃO (*aproxima-se*)

Completo a minha pergunta. A sobrinha de vossa excelência falou-me em receber algumas lições de botânica; vossa excelência consente? (*Pausa*) Há de parecer-lhe esquisito este pedido, depois do que tive a honra de fazer-lhe há pouco...

D. LEONOR

Senhor Barão, no meio de tantas cópias e imitações humanas...

BARÃO

Eu acabo: sou original.

D. LEONOR

Não ouse dizê-lo.

BARÃO

Sou; noto, entretanto, que a observação de vossa excelência não responde à minha pergunta.

D. LEONOR

Bem sei; por isso mesmo é que a fiz.

BARÃO

Nesse caso...

D. LEONOR

Nesse caso, deixe-me refletir.

BARÃO

Cinco minutos?

D. LEONOR

Vinte e quatro horas.

BARÃO

Nada menos?

D. LEONOR

Nada menos.

BARÃO (*cumprimentando*)

Minha senhora!

D. LEONOR (*idem*)

Senhor Barão!

(*Sai o Barão*)

CENA XI

D. Leonor, D. Cecília.

D. LEONOR

Singular é ele, mas não menos singular é a ideia de Helena. Para que quererá ela aprender botânica?

D. CECÍLIA (*entrando*)

Helena! (*D. Leonor volta-se*) Ah! é titia.

D. LEONOR

Sou eu.

D. CECÍLIA

Onde está Helena?

D. LEONOR

Não sei, talvez lá em cima. (*D. Cecília dirige-se para o fundo*) Onde vais?...

D. CECÍLIA

Vou...

D. LEONOR

Acaba.

D. CECÍLIA

Vou concertar o penteado.

D. LEONOR

Vem cá; concerto eu. (*D. Cecília aproxima-se de D. Leonor*) Não é preciso, está excelente. Diz-me: estás muito triste?

D. CECÍLIA (*muito triste*)

Não, senhora; estou alegre.

D. LEONOR

Mas, Helena disse-me que tu...

D. CECÍLIA

Foi gracejo.

D. LEONOR

Não creio; tens alguma coisa que te aflige; hás de contar-me tudo.

D. CECÍLIA

Não posso.

D. LEONOR

Não tens confiança em mim?

D. CECÍLIA

Oh! toda!

D. LEONOR

Pois eu exijo... (*Vendo Helena, que aparece à porta do fundo, esquerda*)

Ah! chegas a propósito.

CENA XII

D. Leonor, D. Cecília, D. Helena.

D. HELENA

Para quê?

D. LEONOR

Explica-me que história é essa que me contou o Barão?

D. CECÍLIA (*com curiosidade*)

O Barão?

D. LEONOR

Parece que estás disposta a estudar botânica.

D. HELENA

Estou.

D. CECÍLIA (*sorrindo*)

Com o Barão?

D. HELENA

Com o Barão.

D. LEONOR

Sem o meu consentimento?

D. HELENA

Com o seu consentimento.

D. LEONOR

Mas de que te serve saber botânica?

D. HELENA

Serve para conhecer as flores dos meus *bouquets*, para não confundir jasmíneas com rubiáceas, nem bromélias com umbelíferas.

D. LEONOR

Com quê?

D. HELENA

Umbelíferas.

D. LEONOR

Umbe...

D. HELENA

...líferas. Umbelíferas.

D. LEONOR

Virgem santa! E que ganhas tu com esses nomes bárbaros?

D. HELENA

Muita coisa.

D. CECÍLIA (*à parte*)

Boa Helena! Compreendo tudo.

D. HELENA

O perianto, por exemplo; a senhora talvez ignore a questão do perianto... a questão das gramíneas...

D. LEONOR

E dou graças a Deus!

D. CECÍLIA (*animada*)

Oh! deve ser uma questão importantíssima!

D. LEONOR (*espantada*)

Também tu!

D. CECÍLIA

Só o nome! Perianto. É nome grego, titia, um delicioso nome grego. (*À parte*) Estou morta por saber do que se trata.

D. LEONOR

Vocês fazem-me perder o juízo! Aqui andam bruxas, de certo. Perianto de um lado, bromélias de outro; uma língua de gentios, avessa à gente cristã. Que quer dizer tudo isso?

D. CECÍLIA

Quer dizer que a ciência é uma grande coisa e que não há remédio senão adorar a botânica.

D. LEONOR

Que mais?

D. CECÍLIA

Que mais? Quer dizer que a noite de hoje há de estar deliciosa, e poderemos ir ao teatro lírico. Vamos, sim? Amanhã é o baile do conselheiro e sábado o casamento da Júlia Marcondes. Três dias de festas! Prometo divertir-me muito, muito, muito. Estou tão contente! Ria-se, titia; ria-se e dê-me um beijo!

D. LEONOR

Não dou, não, senhora. Minha opinião é contra a botânica, e isto mesmo vou escrever ao Barão.

D. HELENA

Reflita primeiro; basta amanhã!

D. LEONOR

Há de ser hoje mesmo! Esta casa está ficando muito sueca; voltemos a ser brasileiras. Vou escrever ao urso. Acompanha-me, Cecília; há de contar-me o que lia.

(*Saem*)

CENA XIII

D. Helena, Barão.

D. HELENA

Cecília deitou tudo a perder... Não se pode fazer nada com crianças... Tanto pior para ela. (*Pausa*) Quem sabe se tanto melhor para mim? Pode ser. Aquele professor não é assaz velho, como convinha. Além disso, há nele um ar de diamante bruto, uma alma apenas coberta pela crosta científica, mas cheia de fogo e luz. Se eu viesse a arder ou cegar... (*Levanta os ombros*) Que ideia! Não passa de um urso, como titia lhe chama, um urso com patas de rosas.

BARÃO (*aproximando-se*)

Perdão, minha senhora. Ao atravessar a chácara ia pensando no nosso acordo, e, sinto dizê-lo, mudei de resolução.

D. HELENA

Mudou

BARÃO (*aproximando-se*)

Mudei.

D. HELENA

Pode saber-se o motivo?

BARÃO

São três. O primeiro é o meu pouco saber... Ri-se?

D. HELENA

De incredulidade. O segundo motivo...

BARÃO

O segundo motivo é o meu gênio áspero e despótico.

D. HELENA

Vejamos o terceiro.

BARÃO

O terceiro é a sua idade. Vinte e um anos, não?

D. HELENA

Vinte e dois.

BARÃO

Solteira?

D. HELENA

Viúva.

BARÃO

Perpetuamente viúva?

D. HELENA

Talvez.

BARÃO

Nesse caso, quarto motivo: sua viuvez perpétua.

D. HELENA

Conclusão: todo o nosso acordo está desfeito.

BARÃO

Não digo que esteja; só por mim não o posso romper. Vossa excelência, porém, avaliará as razões que lhe dou, e decidirá se ele deve ser mantido.

D. HELENA

Suponha que respondo afirmativamente.

BARÃO

Paciência! obedecerei.

D. HELENA

De má vontade?

BARÃO

Não; mas com grande desconsolação.

D. HELENA

Pois, Sr. Barão, não desejo violentá-lo; está livre.

BARÃO

Livre, e não menos desconsolado.

D. HELENA

Tanto melhor!

BARÃO

Como assim?

D. HELENA

Nada mais simples: vejo que é caprichoso e incoerente.

BARÃO

Incoerente, é verdade.

D. HELENA

Irei procurar outro mestre.

BARÃO

Outro mestre! Não faça isso.

D. HELENA

Por quê?

BARÃO

Porque... (*Pausa*) Vossa excelência é inteligente bastante para dispensar mestres.

D. HELENA

Quem lho disse?

BARÃO

Adivinha-se.

D. HELENA

Bem; irei queimar os olhos nos livros.

BARÃO

Oh! seria estragar as mais belas flores do mundo!

D. HELENA (*sorrindo*)

Mas então nem mestres nem livros?

BARÃO

Livros, mas aplicação moderada. A ciência não se colhe de afogadilho; é preciso penetra-la com segurança e cautela.

D. HELENA

Obrigada. (*Estendendo-lhe a mão*) E visto que me recusa as suas lições, adeus.

BARÃO

Já!

D. HELENA

Pensei que queria retirar-se.

BARÃO

Queria e custa-me. Em todo caso, não desejava sair sem que vossa excelência me dissesse francamente o que pensa de mim. Bem ou mal?

D. HELENA

Bem e mal.

BARÃO

Pensa então...

D. HELENA

Penso que é inteligente e bom, mas caprichoso e egoísta.

BARÃO

Egoísta!

D. HELENA

Em toda a força da expressão. (*Senta-se*) Por egoísmo — científico, é verdade, — opõe-se às afeições de seu sobrinho; por egoísmo, recusa-me as suas lições. Creio que o Sr. Barão nasceu para mirar-se no vasto espelho da natureza, a sós consigo, longe do mundo, e seus enfados. Aposto que — desculpe a indiscrição da pergunta — aposto que nunca amou?

BARÃO

Nunca.

D. HELENA

De maneira que nunca uma flor teve a seus olhos outra aplicação, além do estudo?

BARÃO

Engana-se.

D. HELENA

Sim?

BARÃO

Depositei algumas coroas de goivos no túmulo de minha mãe.

D. HELENA

Ah!

BARÃO

Há em mim alguma coisa mais do que eu mesmo. Há a poesia das afeições por baixo da prova científica. Não a ostento, é verdade; mas sabe vossa excelência o que tem sido a minha vida? Um claustro. Cedo perdi o que havia mais caro: a família. Desposei a ciência, que me tem servido de alegrias, consolações e esperanças. Deixemos, porém, tão tristes memórias.

D. HELENA

Memórias de homem; até aqui eu só via o sábio.

BARÃO

Mas o sábio reaparece e enterra o homem. Volto à vida vegetativa... se me é lícito arriscar um trocadilho em português, que eu não sei bem se o é. Pode ser que não passe de aparência. Todo eu sou aparências, minha senhora, aparências de homem, de linguagem e até de ciência...

D. HELENA

Quer que o elogie?

BARÃO

Não; desejo que me perdoe.

D. HELENA

Perdoar-lhe o quê?

BARÃO

A incoerência de que me acusava há pouco.

D. HELENA

Tanto perdoo que o imito. Mudo igualmente de resolução, e dou de mão ao estudo.

BARÃO

Não faça isso!

D. HELENA

Não lerei uma só linha de botânica, que é a mais aborrecível ciência do mundo.

BARÃO

Mas o seu talento...

D. HELENA

Não tenho talento; tinha curiosidade.

BARÃO

É a chave do saber.

D. HELENA

Que monta isso? A porta fica tão longe!

BARÃO

É certo, mas o caminho é de flores.

D. HELENA

Com espinhos.

BARÃO

Eu lhe quebrarei os espinhos.

D. HELENA

De que modo?

BARÃO

Serei seu mestre.

D. HELENA (*levanta-se*)

Não! Respeito os seus escrúpulos. Subsistem, penso eu, os motivos que alegou. Deixe-me ficar na minha ignorância.

BARÃO

É a última palavra de vossa excelência?

D. HELENA

Última.

BARÃO (*com ar de despedida*)

Nesse caso... aguardo as suas ordens.

D. HELENA

Que se não esqueça de nós.

BARÃO

Crê possível que me esquecesse?

D. HELENA

Naturalmente: um conhecimento de vinte minutos...

BARÃO

O tempo importa pouco ao caso. Não me esquecerei nunca mais destes vinte minutos, os melhores da minha vida, os primeiros que hei realmente vivido. A ciência não é tudo, minha senhora. Há alguma coisa mais, além do espírito, alguma coisa essencial ao homem, e...

D. HELENA

Repare, Sr. Barão, que está falando à sua ex-discípula.

BARÃO

A minha ex-discípula tem coração, e sabe que o mundo intelectual é estreito para conter o homem todo; sabe que a vida moral é uma necessidade do ser pensante.

D. HELENA

Não passemos da botânica à filosofia, nem tanto à terra, nem tanto ao céu. O que o Sr. Barão quer dizer, em boa e mediana prosa, é que estes vinte minutos de palestra não o enfadaram de todo. Eu digo a mesma coisa. Pena é que fossem só vinte minutos, e que o Sr. Barão volte às suas amadas plantas; mas é força ir ter com elas, não quero tolher-lhe os passos. Adeus! (*Inclinando-se como a despedir-se*)

BARÃO (*cumprimentando*)

Minha senhora! (*Caminha até à porta e para*) Não transporei mais esta porta?

D. HELENA

Já a fechou por suas próprias mãos.

BARÃO

A chave está nas suas.

D. HELENA (*olhando para as mãos*)

Nas minhas?

BARÃO (*aproximando-se*)

Decerto.

D. HELENA

Não a vejo.

BARÃO

É a esperança. Dê-me a esperança de que...

D. HELENA (*depois de uma pausa*)

A esperança de que...

BARÃO

A esperança de que... a esperança de...

D. HELENA (*que tem tirado uma flor de um vaso*)

Creio que lhe será mais fácil definir esta flor.

BARÃO

Talvez.

D. HELENA

Mas não é preciso dizer mais: adivinhei-o.

BARÃO (*alvorocado*)

Adivinhou?

D. HELENA

Adivinhei que quer a todo o transe ser meu mestre.

BARÃO (*friamente*)

É isso.

D. HELENA

Aceito.

BARÃO

Obrigado.

D. HELENA

Parece-me que ficou triste?...

BARÃO

Fiquei, pois que só adivinhou metade do meu pensamento. Não adivinhou que eu... por que o não direi? di-lo-ei francamente... Não adivinhou que...

D. HELENA

Que...

BARÃO (*depois de alguns esforços para falar*)

Nada... nada...

D. LEONOR (*dentro*)

Não admito!

CENA XIV

D. Helena, Barão, D. Leonor, D. Cecília.

D. CECÍLIA (*entrando pelo fundo com D. Leonor*)

Mas titia...

D. LEONOR

Não admito, já disse! Não te faltam casamentos. (*Vendo o Barão*)
Ainda aqui!

BARÃO

Ainda e sempre, minha senhora.

D. LEONOR

Nova originalidade.

BARÃO

Oh! não! A coisa mais vulgar do mundo. Refleti, minha senhora, e venho pedir para meu sobrinho a mão de sua encantadora sobrinha.

(Gesto de Cecília)

D. LEONOR

A mão de Cecília!

D. CECÍLIA

Que ouço!

BARÃO

O que eu lhe pedia há pouco era uma extravagância, um ato de egoísmo e violência, além de descortesia que era, e que vossa excelência me perdoou, atendendo à singularidade das minhas maneiras. Vejo tudo isso agora...

D. LEONOR

Não me oponho ao casamento, se for do agrado de Cecília.

D. CECÍLIA (*baixo, a D. Helena*)

Obrigada! Foste tu...

D. LEONOR

Vejo que o Sr. Barão refletiu.

BARÃO

Não foi só reflexão, foi também resolução.

D. LEONOR

Resolução?

BARÃO (*gravemente*)

Minha senhora, atrevo-me a fazer outro pedido.

D. LEONOR

Ensinar botânica à Helena? Já me deu vinte e quatro horas para responder.

BARÃO

Peço-lhe mais do que isso; vossa excelência que é, por assim dizer, irmã mais velha de sua sobrinha, pode intervir junto dela para...

(*Pausa*)

D. LEONOR

Para...

D. HELENA

Acabo eu. O que o Sr. Barão deseja é a minha mão.

BARÃO

Justamente!

D. LEONOR (*espantada*)
Mas... Não compreendo nada.

BARÃO
Não é preciso compreender; basta pedir.

D. HELENA
Não basta pedir; é preciso alcançar.

BARÃO
Não alcançarei?

D. HELENA
Dê-me três meses de reflexão.

BARÃO
Três meses é a eternidade

D. HELENA
Uma eternidade de noventa dias.

BARÃO
Depois dela, a felicidade ou o desespero?

D. HELENA (*estendendo-lhe a mão*)
Está nas suas mãos a escolha. (*A D. Leonor*) Não se admire tanto, titia; tudo isto é botânica aplicada.



Iba Mendes Editor Digital
www.poeteiro.com